



RELICI

O MILAGRE DE BERNA: CINEMA E FUTEBOL NA (RE)INVENÇÃO DA NAÇÃO ALEMÃ¹

THE MIRACLE OF BERNE: CINEMA AND SOCCER IN THE (RE)INVENTION OF THE GERMAN NATION

Vitor Henrique Tontini Steurer²

Alexandre Fernandez Vaz³

RESUMO

Este trabalho analisa a (re)invenção da comunidade imaginada da República Federal da Alemanha a partir do Milagre de Berna, a vitória do selecionado nacional na final da Copa do Mundo de 1954, tematizada em filme com o mesmo título. No contexto da reconstrução alemã e dos inícios da Guerra Fria, coloca-se a renovação da autoestima através da incorporação de uma nova identidade nacional que ficaria eternizada na memória coletiva alemã. Através da análise fílmica, que se centra principalmente na relação entre um menino e seu pai, o texto procura analisar diferentes significados deste milagre ao mesmo tempo que aponta para o poderoso potencial simbólico do futebol.

Palavras-chave: o Milagre de Berna, futebol e cinema, futebol e nação, seleção alemã.

ABSTRACT

This paper analyzes the (re)invention of the imagined community of the Federal Republic of Germany based on the Miracle of Bern, the national team's victory in the 1954 World Cup final, issue of a film with the same title. In the context of German reconstruction and the beginnings of the Cold War, the renewal of self-esteem through the incorporation of a new national identity has been eternalized in German collective memory. Through film analysis, which focuses mainly on the relationship between a boy and his father, the text seeks to analyze the different meanings of this miracle while pointing to the powerful symbolic potential of soccer.

¹ Recebido em 22/07/2025. Aprovado em 01/11/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17661340

² Universidade Federal de Santa Catarina. vitor.steurer@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Catarina. alexfvaz@uol.com.br



RELICI

Keywords: The Miracle of Bern, soccer and cinema, soccer and nation, German national team.

INTRODUÇÃO

Em 4 de julho de 1954, a seleção de futebol masculina da República Federal da Alemanha derrotava o selecionado húngaro na partida final da Copa do Mundo daquele ano, disputada na Suíça, num episódio que, devido às circunstâncias improváveis nas quais se edificou aquela vitória, ficaria eternizado na memória coletiva alemã como o “Milagre de Berna”. A conquista impactou o ânimo dos germânicos, contribuindo para elevar a autoestima de um país empenhado na reconstrução moral e material após um longo período de penúria devido aos traumas trazidos pelos desmandos do Nacional-Socialismo e pela destruição causada na Segunda Guerra Mundial. Durante as comemorações do cinquentenário da conquista, o historiador Manfred Oldenburg se referiu a ela afirmando ter sido “muito mais do que um simples confronto esportivo, a partida disputada em Berna e acompanhada pelo rádio por toda a nação permitiu à Alemanha levantar a cabeça”. Ele complementa, afirmando que aqueles noventa minutos teriam mudado a face do país: “Naquele dia, pela primeira vez desde o fim da guerra, os alemães reencontraram a honra perdida” (Franco Jr., 2007, p. 99).

O depoimento de Oldenburg, proferido já numa Alemanha reunificada e inserida no pós-Guerra Fria, dá a ver o significado que aquele êxito futebolístico adquiriu *a posteriori*. Tendo sido o primeiro triunfo esportivo da RFA, fundada como Estado em 1949, o troféu significou mais do que uma conquista dentro de campo: o título de campeão do mundo trouxe consigo uma valiosa recarga na autoestima para uma nação arrasada havia quase uma década. A coincidência da conquista ter ocorrido concomitantemente ao chamado Milagre Econômico [*Wirtschaftswunder*]⁴

4 O Milagre Econômico Alemão, ou *Wirtschaftswunder*, refere-se à rápida e impressionante recuperação econômica da Alemanha Ocidental após a devastação da Segunda Guerra Mundial. Entre meados da década de 1940 e os anos 1960, o país transformou-se de uma nação em ruínas para uma potência econômica líder na Europa.



RELICI

certamente contribuiu para a mitificação do evento (Cornelsen, 2012a, p. 433). A Copa ofereceu aos alemães a oportunidade de passar da condição de vilões, responsáveis pela Segunda Guerra Mundial, à de heróis que venceram adversários superiores diante de muitas adversidades. O êxito alcançou, portanto, tom de redenção (Franco Jr., 2007, p. 98).

Como Marc Ferro (2010) e tantos outros assinalam, o cinema é documento histórico que expressa algo da conjuntura em que está inserido, estabelecendo assim um diálogo que é intrínseco a qualquer obra cinematográfica. Diante disso, e dialogando com a valiosa carga simbólica desse triunfo para a nação alemã, as comemorações de seu cinquentenário também contaram com o lançamento do filme *O Milagre de Berna* (2003; *Das Wunder von Bern*), dirigido por Sönke Wortmann. O longa-metragem apresenta as contradições presentes na RFA da década de 1950 por meio ficcional, contando a história de um menino de onze anos, Matthias, cuja trajetória está imersa nas vicissitudes da abalada Alemanha do pós-Guerra⁵. Os dramas familiares de Matthias, o desempenho irregular da seleção de seu país na Suíça e o processo de reconstrução da nação estão em uníssono, sacralizando aquela partida como um mito fundador, milagre que teria dado início à reconstrução da RFA. A própria existência de Matthias pode ser considerada uma representação dos dramas do período (Cornelsen, 2012a, p. 434-6) e da capacidade de superá-los.

Soma-se a isso o que Vaz (2018) diz quando utiliza das reflexões de Detlev Claussen para argumentar a favor da ideia de “uma Europa inventada pelo futebol”, pois, segundo o autor, foi o esporte bretão o responsável pela consolidação de uma fronteira cultural abrangente, um reflexo do grande fluxo internacional de indivíduos que a ascensão das competições internacionais de clubes proporcionou em meados do século XX. Essa interconexão teria possibilitado a coesão necessária para a

5 No filme, que mistura realidade com ficção, Matthias tem uma relação íntima com Helmut Rahn (1929-2003), um dos principais atletas da Seleção Alemã [*Nationalmannschaft*], responsável por marcar dois gols na vitória final contra o poderoso selecionado húngaro. Rahn viria a falecer em 14 agosto de 2003, dois meses antes do lançamento do filme, que além de homenageá-lo como um dos principais personagens, foi-lhe dedicado.



RELICI

constituição de uma *comunidade imaginada* (Anderson, 2021) essencialmente europeia. Nestes termos, este breve trabalho pretende refletir, como o ludopédio também se demonstrou valioso para (re)inventar uma Alemanha Ocidental como uma “nação que se imagina” diferente – um processo que envolveu tanto a criação de novos símbolos após o colapso do Terceiro Reich, quanto a formação de uma identidade para a recém-fundada RFA. Essa reinvenção se deu à medida que a nação foi revigorada após este grande triunfo, cuja repercussão póstuma contribuiu para a consolidação de uma nova identidade cultural “homogeneizante e aglutinadora” (Anderson, 2021). Afinal, como argumenta Eric Hobsbawm (1991, p. 171): “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”. A seleção, nesse contexto, seria uma poderosa inspiração aos alemães, que buscavam sua redenção após os anos traumáticos.

O futebol teria desempenhado um papel fundamental nessa reconstrução. Assim, a atmosfera daquela comunidade em reconstrução tanto se inspira quanto influencia o desempenho dos alemães em campo, mesclando elementos que contribuíram para a reinvenção do nacionalismo no país, ao refletir o comportamento aguerrido e resiliente dos futebolistas. Através do futebol, portanto, uma nova identidade nacional alemã foi inventada e consolidada, atribuindo à nação atributos como “pragmatismo”, “resiliência” e “vontade para o sacrifício” (Franco Jr., 2017, p. 141), que estiveram presentes no Milagre de Berna e foram reciclados, remodelados, para consolidar uma nova identidade cultural, oportunidade de redenção com a qual os alemães passariam a se identificar. O filme lançado cinco décadas após o evento original, configura objeto privilegiado para a observação de como a nação alemã do pós-guerra se imaginou através do futebol.

Tendo isso em vista, neste trabalho, pretendemos observar no futebol “a força de coesão social da cultura popular urbana no espírito europeu” (Vaz, 2018, p. 1397), e sua capacidade de *inventar tradições* (Hobsbawm, 2017), neste caso, de uma nação alemã do pós-guerra que adquire uma identidade cultural revigorada e redimida pelo



RELICI

episódio do Milagre de Berna. Neste evento, os futebolistas incorporaram “um suplemento ao jogo articulado a partir de circunstâncias históricas e culturais específicas” (Silva, 2011, p. 3) e corporificaram em campo características resgatadas da experiência de reconstrução da República Federal da Alemanha. Essas características, através de um movimento de ricochete, retornam ao povo alemão, que delas se apropria e as assimila como parte do imaginário popular. Esse processo metabolizou uma força aglutinadora para uma nação ressentida pelo trauma da experiência nazista e da guerra, conferindo-lhes o elo de ligação de uma “alma coletiva” (Le Bon, 2018, 32), um senso de comunidade sedimentado por laços identitários (Cornelsen, 2012b, p. 76). A análise do filme de Wortmann nos dará a oportunidade para observarmos elementos que consolidam esses apontamentos.

O FUTEBOL E O BREVE SÉCULO

Tendo surgido na Grã-Bretanha do século XIX, o futebol se proliferou mundo afora principalmente a partir do imperialismo comercial e industrial britânico durante a *Era dos Impérios* (Hobsbawm, 2002). Como prática comum entre os marinheiros, o esporte introduziu-se organicamente a partir das regiões portuárias dos domínios comerciais ingleses, disseminando-se a partir dali. Nessa perspectiva, quando historicizado, o esporte bretão torna-se uma chave-mestra para a compreensão das contradições e vicissitudes do *Breve Século XX* (Hobsbawm, 2009) pois “carrega o conflito essencial da globalização” (Hobsbawm, 2007, s/p.).

Ciente disso, Detlev Claussen (2014), ao escrever a biografia do ex-jogador e técnico húngaro Béla Guttmann, pretendeu demonstrar como a trajetória desse personagem, foi uma lente privilegiada para a compreensão do período em que viveu. Sua história pode ser lida como “a história do século vinte interpretada pelo futebol em seu desenvolvimento globalizado, dentro e fora do campo, (...) o primeiro caso de globalização no futebol” (Vaz, 2018, p. 1400). A trajetória de Guttmann ratifica as reflexões de Franco Jr. (2007), que elege a história do futebol como a “micro-história do mundo contemporâneo” (p. 21). Isso porque, em seu itinerário profissional,



RELICI

Guttman esteve inserido em processos históricos radicais, como a dissolução do Império Austro-húngaro, a diáspora judaica, o holocausto e o socialismo real. Ele também participou de outros processos símbolos do mundo contemporâneo, como a globalização do mercado de trabalho, o desenvolvimento do esporte como espetáculo de massas, a consolidação do cultivo do corpo como prática e a ascensão da classe trabalhadora em nichos aristocráticos e burgueses (Vaz, 2018, p. 1400).

Desse modo, buscando pensar a Europa “não exatamente como território, mas como projeto cultural”, Vaz (2018) invoca Claussen ao afirmar que o continente europeu “teria nascido numa quarta-feira” (p. 1401), com o apito inicial da primeira partida da Taça dos Campeões da Europa (torneio antecessor da atual Liga dos Campeões da UEFA, a principal competição europeia de clubes). Embora a primeira edição daquele evento seja de 1955, sua trajetória deriva de outros torneios menores, como a Copa da Europa Central, disputada nas décadas de 1920 e 1930. Portanto, a “Europa inventada” já podia ser vislumbrada havia algumas décadas, como sublinha José Miguel Wisnik (2023, p. 18) ao reconhecer “o futebol como o único lugar que a União Europeia se realiza”.

A realização desses torneios internacionais só era viável a partir do fluxo constante de atletas entre os diferentes países, impulsionando uma crescente valorização do espetáculo esportivo como produto de consumo de massa. Uma das consequências dessa novidade foi a internacionalização da simpatia dos torcedores, até então restrita aos clubes nacionais, ocorrida em processo concomitante ao surgimento desses grandes torneios no meio do século. Assim, houve a formação de uma *comunidade imaginada*, cujas fronteiras simbólicas abrangeriam também o repertório cultural compartilhado, materializado pelo futebol (Vaz, 2018). Para Benedict Anderson, uma *comunidade imaginada* é uma construção cultural, historicamente projetada, possuidora de uma “camaradagem horizontal” em que seus membros se reconhecem como detentores de uma imaginação coletiva e legítima (2021, p. 10). É neste sentido que, para além de uma Europa inventada, podemos também refletir sobre uma reinvenção alemã por meio do futebol, que se redefine a



RELICI

partir de novas características oriundas da conquista da Copa do Mundo de 1954, legitimada pelo Milagre de Berna.

A GUERRA FRIA DRAMATIZADA NO FUTEBOL

O esporte foi tratado como uma lente privilegiada para a propaganda durante a Guerra Fria, sobretudo na querela polarizada entre o primeiro mundo, capitalista, e o segundo mundo, socialista. Os Estados menores, ou satélites, habitando as zonas de influência, também se enquadravam inseridos nessa disputa política. É nesse ínterim que a final da Copa do Mundo 1954 ganha um componente adicional quando a historicizamos também como uma disputa ideológica entre a capitalista Alemanha Ocidental e a socialista Hungria

O “planificado” futebol húngaro

A inventiva tradição futebolística da Europa Central, na qual o já mencionado Béla Guttmann desempenhou um importante papel, adquiriu seu auge técnico e tático na década de 1950, quando a Seleção Húngara, sob a tutela do técnico Gustav Sebes (que também era dirigente do Partido Comunista e Ministro-adjunto dos esportes), foi pioneira na implementação de um esquema tático inovador, o 4-2-4, além de contar com uma geração de excepcionais jogadores, eternizados como alguns dos maiores da história do esporte, como Nándor Hidegkuti, Sándor Kocsis, Zoltán Czibor, József Bozsik e, principalmente, o craque Ferenc Puskás⁶.

Para Sebes, a luta política da Guerra Fria se estendia também ao campo de futebol e, seguindo este princípio, a seleção magiar representava o governo

6 O 4-2-4 representou uma renovação dos paradigmas táticos da época, que geralmente priorizavam formações mais conservadoras, como o W-M. Com o 4-2-4, tornou-se possível equilibrar a defesa ao mesmo tempo que se atacava com força avassaladora, valorizando valências como o jogo coletivo e a imprevisibilidade geradas pelas movimentações dinâmicas. Autores como Hilário Franco Jr. (2007), vendo o futebol como um fenômeno que espelha a vida, traçou uma relação causal do 4-2-4 com o modelo de economia planificado do socialismo húngaro pró soviético como uma espécie de antítese ao W-M inglês e, portanto, capitalista. O fato de ser um apontamento de difícil sustentação não o deixa menos interessante.



RELICI

centralizador do país. No final da década de 1940, objetivando mais bem servir a causa do socialismo, todos os clubes do país foram nacionalizados e passaram a ser financiados pelos ministérios, sindicatos, fábricas e outras instituições públicas, e Sebes tinha ampla liberdade para gerir o fornecimento de melhores subsídios para o escrete nacional (Franco Jr., 2007, p. 56). O selecionado operava, assim, em sincronia com a doutrina socialista do país, uma vez que o futebol, sendo um esporte identificável com a vida, como José Miguel Wisnik apontou em *Veneno Remédio*, tece uma ligação direta entre “o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno” (Wisnik, 2023, p. 18). O vínculo da seleção com o projeto político se torna ainda mais íntimo quando levamos em consideração que o cérebro pensante do time, o meia-direita József Bozsik, também atuava como deputado⁷.

Desde a nacionalização dos clubes, a seleção húngara colecionou sucessos esportivos. Além da conquista do ouro olímpico em Helsinque, em 1952, os magiares venceram, no ano seguinte, o orgulhoso *english team* (invicto jogando em casa havia 90 anos) no londrino Wembley, pelo acachapante placar de 6x3 e diante de mais de cem mil espectadores. Esses resultados vieram como consequência da inovadora estratégia húngara, que mesclava a ênfase na dinâmica coletiva proporcionada pelo 4-2-4 com atletas de qualidade excepcional⁸. Não à toa, a Seleção de Ouro, que no período de 1950-1954 disputou 36 jogos, dos quais venceu 32 e empatou em quatro oportunidades, chegou com amplo favoritismo na final do Campeonato Mundial de 1954, quando enfrentaria uma desacreditada Alemanha Ocidental (Franco Jr., 2007, p. 96).

⁷ Dentro da mesma perspectiva referida na nota anterior, Hilário Franco Jr. (2007), de maneira não menos sedutora, afirmará que a seleção húngara era uma seleção socialista, planejada. Uma das provas disso seria o fato do “líder do Partido Comunista [, que] frequentemente se referia à seleção nacional como um produto direto do socialismo” (2007, p. 56-7). Todavia, o autor novamente tece uma relação de difícil comprovação.

⁸ A exemplo do atacante Ferenc Puskás, o maior expoente do Time de Ouro húngaro, que em 2009 foi eternizado nos anais do esporte pela FIFA através do Prêmio Puskás, responsável por premiar o gol mais bonito de cada ano no futebol mundial.



RELICI

Os resilientes e pragmáticos alemães

Para os alemães, “até 1945 o futebol não desempenhou nenhum papel na formação do sentimento nacional”, porém, com o nazismo derrotado, o ludopédio “passaria a reforçar a identidade nacional alemã” (Franco Jr., 2017, p. 146). No entanto, a Alemanha Ocidental chega para disputar a Copa do Mundo de 1954 sob a imensa fragilidade de um país materialmente destruído, com o ânimo fragilizado, e em processo de penosa reconstrução. Inclusive, durante o percurso da competição, o escrete alemão sofrera derrota por 8x3 frente aos húngaros, fomentando ainda mais a desconfiança dos torcedores em relação ao selecionado. Entretanto, a vacilante trajetória na Copa forneceu subsídios para a reavaliação e a reorganização do time pelo treinador Sepp Herberger, resgatando o *ethos* mitológico alemão da “vontade para o sacrifício e a capacidade de renascer das cinzas” (Wisnik, 2023, p. 26). Formou-se, assim, um perfeito matrimônio com o contexto da sociedade alemã de então, afinal “o esporte é e sempre foi imagem e motor de processos sociais, bem como fator de formação cultural” (Küchenmeister; Schneider, 2011, p. 3 apud Cornelsen, 2012b, p. 74). Dessa maneira, o acidentado itinerário de partidas que o selecionado alemão enfrentou até o confronto final, quando novamente encontraria a imbatível seleção da Hungria, configurava uma prova do ímpeto de superação dos germânicos. Inspirando-se na atmosfera de reconstrução da Alemanha de então, encontraram na objetividade e na dedicação a força vital daquele escrete.

O surgimento do mito

A consagração do “Milagre de Berna” veio com a heroica vitória por 3x2 sobre os húngaros na partida final daquele torneio pois, “tão maior é o ‘milagre’, quanto menor forem as probabilidades de sucesso” (Cornelsen, 2012a, p. 434). Apesar da repentina vantagem de dois gols aberta pelos magiares logo aos oito minutos, os alemães iriam em busca da dramática virada, sob forte chuva. A derrota da Hungria teria acontecido por causa de uma falta não assinalada pelo árbitro (britânico e, portanto, “capitalista”) no gol de empate dos alemães, porque um terceiro tento



RELICI

húngaro fora indevidamente anulado a três minutos do fim da partida, e ainda em razão da suspeita do uso de doping por parte dos vencedores, entre outros fatores (Franco Jr., 2007, p. 97). Apesar de tudo, ao fim da árdua partida, a conquista estava assegurada, oferecendo a redenção para uma nação ressentida. O sentimento de alívio contagiou a contida multidão de alemães que, ressabiados dos símbolos nacionais devido à longa penúria nazista, encontraram no triunfo na Copa uma válvula de escape proporcionada pelo futebol para externar sentimentos reprimidos (Cornelsen, 2012b, p. 87).

Esse estranhamento quanto aos símbolos nacionais alemães durante o pós-guerra, uma lacuna na experiência alemã, advém do trauma nazista. Conceitos como patriotismo, nação, orgulho nacional e identidade nacional conotavam sentido negativo, uma espécie de tabu, pois eram associados ao *status quo* nacional-socialista, um tema até hoje polêmico no país. É o fenômeno esportivo que fornece uma certa suspensão dessa resistência, mesmo que por pouco tempo: “a sociedade alemã encontrou no esporte e, especificamente no futebol, a legitimidade de celebrar seu orgulho nacional, reprimido em outras situações e contextos” (Cornelsen, 2012b, p. 92). Essa celebração possibilita a formação de uma “alma coletiva”, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. A coletividade torna-se então o que Gustave Le Bon chamaria de “uma multidão organizada ou, (...) uma multidão psicológica” (Le Bon, 2018, p. 32). Para o antropólogo francês, por mais heterogêneos que sejam os indivíduos que compõem esse aglomerado, “o mero fato de se haverem transformado em multidão dota-os de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de um modo completamente diferente daquele como sentiria, pensaria ou agiria cada um deles isoladamente” (Le Bon, 2018, p. 32).

O povo alemão, inebriado com a conquista esportiva, uma materialização da “multidão psicológica” de Le Bon, desenvolveu um sentimento de forte identificação com o estilo de jogo daquela seleção, que obteve sucesso na competição por demonstrar atributos como resiliência, entrega e pragmatismo. Os alemães, portanto,



RELICI

encontraram naquele escrete um símbolo nacional por meio do qual puderam se *imaginar* como uma nação revigorada, sobretudo, após o mitológico “Milagre”.

A INVENÇÃO E A REPERCUSSÃO DO MILAGRE

A prova do grande simbolismo da conquista alemã da Copa do Mundo de 1954, cuja trajetória foi amplamente acompanhada em cobertura radiofônica e pelos escassos e embrionários aparelhos de televisão, levou a que os responsáveis pela conquista fossem recepcionados por cerca de 400.000 pessoas em seu retorno à Munique. A multidão manifestava tímido regozijo, empunhando fogos e pequenas bandeiras, demonstrando certo receio coletivo com os símbolos nacionais (Cornelsen, 2012b, p. 84).

Algumas décadas após o triunfo, o jornalista alemão Peter Kasza, em trecho citado por Elcio Cornelsen (2012a), afirmou que aquela vitória “foi além do aspecto futebolístico (...) tornou-se um milagre da sociedade como um todo” (p. 434). Ele complementa, afirmando que, para alguns, havia a sensação de que o “milagre econômico” não teria tido as mesmas proporções sem o triunfo em Berna, “como se a vitória numa partida de futebol pudesse elevar o Produto Social Bruto”, enquanto outros viriam a falar de um “ato de fundação” da RFA em solo suíço, tendo como um de seus artífices políticos o chanceler Konrad Adenauer (Kasza, 2004, p. 8 apud Cornelsen, 2012a, p. 435).

Adenauer, o representante político dessa “nova fundação”, sequer estava no estádio durante os jogos da equipe alemã naquele campeonato e, ademais, os jornais no dia 5 de julho mencionavam a conquista sem o menor destaque: “o verdadeiro ‘Milagre de Berna’ sequer foi manchete de capa” (Cornelsen, 2012b, p. 85). O desprezo da imprensa pela conquista, contudo, não corresponde à grande manifestação popular para recepção dos campeões em Munique. A ponderada celebração da multidão, no entanto, combina com a rigidez das manchetes nos jornais, e possibilita uma reflexão sobre a dificuldade dos alemães em lidar com os sentimentos e símbolos nacionais. Destarte, a relevância política do Milagre de Berna



RELICI

não se estabeleceu de imediato, mas, “como todo mito, foi significado e ressignificado” (Cornelsen, 2012b, p. 84).

A atuação do cinema para a reafirmação do mito

O interesse do cinema pela temática do futebol é crescente e constante. Segundo Marcelino Rodrigues da Silva, o aumento nas produções cinematográficas sobre o esporte possibilita um horizonte no qual “o futebol deixa de ser apenas um esporte para se tornar uma linguagem ou campo simbólico”, em que os sujeitos passaram a poder projetar seus dramas, dilemas e aspirações. Ele complementa afirmando que “refletir sobre essa produção, portanto, é refletir também sobre a dimensão simbólica do esporte e suas relações com a cultura e a sociedade” (Silva, 2011, p. 2).

Não obstante, procuramos dialogar com Marc Ferro, um dos precursores no estudo do cinema como fonte histórica. O autor argumenta que o filme analisado não deve ser considerado

do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. A análise não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade: ela pode se apoiar sobre extratos, pesquisar ‘séries’, compor conjuntos. E a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente (2010, p. 32).

O filme, portanto, é sempre fruto de seu contexto e visa a autorização de um discurso. Sob essa perspectiva, *O milagre de Berna* (2003), produzido numa Alemanha reunificada, busca traçar uma genealogia que vincula o triunfo do selecionado alemão na Copa do Mundo de 1954 ao processo de reconstrução moral e material do país após o assolamento generalizado pelos bombardeios dos Aliados ao fim da Segunda Guerra Mundial, que acarretaram não somente no fim do III Reich pela derrota no conflito, mas também na divisão do país em diferentes áreas de



RELICI

ocupação, atendendo às demandas da Conferência de Potsdam⁹, configurando um dos primeiros movimentos do que, no decorrer das décadas seguintes, ficaria conhecido como Guerra Fria.

Como já assinalado, o filme conta a história de Matthias, um garoto de onze anos, habitante da cidade alemã de Essen, no Vale do Ruhr. A infância do protagonista desempenha um componente simbólico singular, pois, de acordo com Tânia Sarmiento-Pantoja, personagens desta faixa etária “têm sido frequentemente utilizadas como alegorias que refletem processos da identidade nacional. Assim, não são os adultos os agentes a revelar determinadas condições ou versões dos conflitos sociais que desencadeiam situações violentas, mas as crianças. (...)” (2010, p. 1901). Nesse sentido, podemos compreender o menino como uma representação da possibilidade de futuro, inserido numa sociedade ainda incapaz de superar os traumas do passado.

Tendo crescido na ausência do pai, que permanecia num campo de prisioneiros na Sibéria desde a Guerra, Matthias projeta a figura paterna no craque rebelde Helmut Rahn, atacante do Rot-Wess Essen e do selecionado alemão. Mas o fascínio de Matthias pelo craque problemático também simboliza uma certa anarquia, um desmando que contagia toda a sociedade, provocado pela ausência de propósito e de autoridade de uma sociedade que também se vê ausente de figura paterna, não somente pela queda do III Reich e de Adolf Hitler, mas também devido aos inúmeros soldados e civis que foram mortos ou tomados como prisioneiros durante a Guerra. Rahn, por sua vez, via em Matthias uma espécie de amuleto da sorte, pois nunca acontecera de, na presença do menino, ser derrotado em uma partida. À medida que

9 A Conferência de Potsdam foi um encontro entre os líderes aliados Harry Truman (Estados Unidos), Winston Churchill (Reino Unido) e Josef Stálin (União Soviética) onde foram acordados os termos para o futuro da Europa no pós-Guerra. A divisão de território alemão, bem como seu processo de ocupação, desmilitarização e desnazificação foi o principal tema das conversas. Em Potsdam, ficou definida a divisão da Alemanha em duas metades, a Ocidental (capitalista e ocupada por França, Reino Unido e Estados Unidos) e Oriental (comunista, ocupada pela União Soviética). O fim da ocupação aliada viria em 1949, concomitante a fundação da República Federal da Alemanha (RFA; Ocidental) e da República Democrática Alemã (RDA; Oriental).



RELICI

a Seleção Alemã inicia sua vacilante trajetória na Copa, desacreditada, o que inclui a já mencionada derrota por 8x3 para os húngaros, o pai do menino, Richard Lubanski, retorna à cidade de Essen pela primeira vez desde a Guerra.

Embrutecido por um processo que desafiava os limites da humanidade, Richard, em seu retorno à Alemanha, sente dificuldades em se adaptar à nova realidade familiar, pois “não compreende as atitudes e valores adotados por sua esposa e filhos no pós-guerra, (...) [e] revelando em seu comportamento resquícios de outra época de doutrinação ideológica, ele também não se faz compreender” (Cornelsen, 2012a, p. 402). O atrito entre o pai e o restante da família na vã tentativa de assegurar uma postura de autoridade diante dos filhos e da esposa desencadeia uma série de conflitos e desgastes. Cornelsen (2012a) atribui a aspereza e a resistência de Richard no trato com Matthias ao fato de que o menino representaria uma materialização do hiato temporal no qual o pai permanecera prisioneiro na Sibéria.

Os dramas familiares e futebolísticos começam a convergir. Tudo se inicia com a ousadia do técnico Sepp Herberger, que finalmente decide escalar Helmut Rahn no time titular, pois este decide suspender a rebeldia em prol da disciplina e dedicação à seleção. Simultaneamente, a antiga paixão pelo futebol volta a seduzir Richard, que inicia um paulatino movimento de flexibilização de sua postura intransigente para com a família. Esse processo começa na cena em que ele orienta o desengonçado Matthias sobre como poderia melhorar seu desempenho nos jogos entre amigos no campinho do bairro.

A aproximação entre Richard e Matthias pode ser compreendida como uma alegoria da reconciliação entre o passado traumático dos desmandos nazistas, representados pelo pai, com um futuro pacífico, próspero e redimido, incorporados ao filho. Assim, o futebol, inicialmente o motivo de discórdia entre eles, adquire o simbolismo que faz do ludopédio o “elemento que promove o estabelecimento de um diálogo entre pai e filho”, possibilitando a reaproximação (Cornelsen, 2012a, p. 402).



RELICI

A partir desse movimento a nação faria as pazes consigo mesma, encontrando as bases necessárias para concretizar a sua reconstrução e superar seus traumas.

A conexão que a narrativa busca estabelecer entre a trama familiar, esportiva e sócio-política é reforçada quando o filme dramatiza as peladas do campinho do bairro, que sempre contam com a participação de Matthias, ao nelas emular a atmosfera das partidas alemãs da Copa. Isso é feito através da sobreposição das jogadas fictícias dos jovens com os áudios originais extraídos das partidas da seleção na Suíça, narrados na voz do lendário radialista alemão Herbert Zimmermann. A utilização desta técnica sugere que as vitórias na Copa estavam em constante conexão com a experiência alemã.

Richard, então, arrependido do tratamento áspero que vinha tratando sua família, decide cozinhar um jantar especial para redimir-se, mas se decepciona ao saber que, ingenuamente, sacrificou os coelhos de estimação de Matthias para compor o prato principal. A morte dos roedores, embora despretensiosa, pode ser interpretada como alegoria ao passado belicoso de Richard, que foi membro do exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial e, mesmo sem a devida intenção (como o filme sugere), foi um dos vetores causadores da catástrofe humanitária que o conflito proporcionou, em especial devido à crueldade da atuação dos próprios nazistas.

O patriarca, entristecido pelo ocorrido, decide buscar sua redenção. Assim, pede emprestado o Volkswagen Sedam¹⁰ do padre da região e convida o filho para ir até Berna assistir à final da Copa. Matthias, aficionado por futebol, pela seleção e por Rahn, e tendo acompanhado toda a trajetória da *Nationalmannschaft* na competição, aceita o convite em êxtase. Afinal, sendo ele um amuleto de Rahn, via ali sua chance de ajudar na vitória germânica. Dessa forma, Richard conquista o perdão de Matthias

10 O conhecido Fusca, para os brasileiros, por sua vez, símbolo do carro popular (Volks: popular, Wagen: carro) dos tempos alemães sob o nazismo, conhecido na Alemanha como Käffer (besouro) por sua forma peculiar.



RELICI

que, ao absolver o pai por ter matado seus coelhos, também o faz, simbolicamente, pelo seu passado nazista.

A aproximação entre pai e filho visa sinalizar também uma reconciliação da nação consigo mesma. Referindo-se aos efeitos dessa estratégia narrativa, Marcelino Ramos Silva argumenta que o diretor, ao tratar do futebol como uma metáfora,

faz dele um uso eminentemente pedagógico, buscando a construção de um conjunto de convergências que apontam para uma significação inequívoca. O acontecimento esportivo se torna “lugar da memória” (Nora, 1993), um ponto de referência que conecta lembranças individuais e grupais, fornecendo as bases para a memória nacional, (...) a forma mais acabada e completa de memória coletiva (2011, 6-7).

Dessa maneira, até mesmo o trauma de guerra do pai, cujo efeito conhecido é silêncio e isolamento, ganha uso prático e torna-se transmissível na cena em que Richard sugere a Matthias, enquanto ainda estão na estrada, que reproduza o exercício de imaginação que ele costumava praticar na Sibéria para driblar os efeitos da fome, emulando uma espécie de oração. O filho então começa a se imaginar no estádio e magicamente contribui para a reação alemã na partida (Silva, 2011, p. 7).

O elo de Matthias com a seleção de seu país se concretiza quando o garoto consegue chegar ao estádio ao final da partida. O rústico sistema de segurança é facilmente ultrapassado pelo menino que, quando alcança a beira do campo, vê de perto uma falta sofrida por Rahn que faz a bola sair pela linha lateral e parar em seus pés. Nessa cena, Matthias junta a bola e a devolve para o incrédulo ídolo, que logo após uma receosa troca de olhares marca o gol da vitória. Assim, metaforicamente, o garoto passa a representar a superação dos anos de reconstrução, a perspectiva de futuro, tornando-se um símbolo de esperança, fé e prosperidade para a equipe, a nação e a família. O menino performa uma espécie de toque abençoado, curativo, semelhante ao que Marc Bloch descreve em *Os Reis Taumaturgos* (Bloch, 2018), capaz de atribuir uma propriedade divina à pelota. O filme se encerra com a volta triunfal dos atletas à Alemanha, que exalta Matthias como um verdadeiro herói junto à delegação, seguida por um letreiro informativo que afirma que, após a conquista,



RELICI

iniciou-se no país o Milagre Econômico, consolidando o processo de reconstrução e fazendo com que a nação finalmente encontrasse seu caminho rumo à recuperação.

Outro aspecto que tangencia o filme, e que pode até mesmo passar despercebido para alguns espectadores, é o arco do rebelde Bruno, irmão mais velho de Matthias que, mesmo diante dos esforços paternos para a reaproximação, não consegue se adaptar às novas dinâmicas familiares inauguradas após o regresso de Richard. Simbolizando o choque geracional de uma leva de jovens que viam em seus pais a sombra de um ex-membro do Partido Nacional-Socialista, além da simpatia com as ideias socialistas, Bruno decide se separar da família e foge rumo à República Democrática Alemã (RDA), a fim de viver as experiências do socialismo. É de lá que o jovem assiste, em uma televisão, à partida que originou o Milagre, juntamente de símbolos que fazem alusão à rebeldia do *rock and roll*, e com grandes bandeiras de Marx e Lênin ao fundo. O personagem simboliza a metáfora da nação única que se divide, e que, mesmo em êxtase pela vitória, comemora o triunfo de forma incompleta, separada de sua metade.

Para além de uma representação da RDA que flerta com o pitoresco e com o exótico, reproduzindo um certo clichê regressivo sobre o país, a atitude de Bruno permite uma interpretação mais aprofundada. No filme, enquanto Matthias simboliza o futuro e a reconciliação e Richard representa o passado nazista ansiando pelo perdão, Bruno seria a representação do ressentimento, daquele que é incapaz de superar os traumas do passado rumo ao progresso e que, embebedado pela cólera, se vê incapacitado de seguir em frente. Sendo assim, o revoltado filho mais velho se mostraria incapaz de perdoar o pai e seu passado nazista e, dessa forma, tampouco consegue superar as reminiscências do nacional-socialismo. Por conseguinte, o longa deixa implícito que naquela sociedade não haveria espaço para ressentidos como Bruno, relegando-lhe à diáspora à experiência fracassada do socialismo realmente existente.

Nesse sentido, o Milagre que batiza a partida e inspira o título do filme reverbera em mais de um significado. Além de simbolizar a heroica virada sobre os



RELICI

húngaros, também contempla o boom na economia alemã e, não obstante, adquire teor cristão ao representar a ressurreição de uma nação rumo à redenção, superando os traumas pretéritos. A coesão dessas narrativas “está no fio que une a trajetória de Matthias, seu pai, o craque Helmut Rahn e o destino da seleção alemã na Copa do Mundo” (Silva, 2011, p. 5). Matthias, ao se constituir enquanto criança ao longo do filme, representa uma espiral que se conecta diretamente com todos os arcos da história, numa alegoria cuja intenção parece ser representar a superação dos traumas do passado em prol de *futuro*, redimido pela conciliação da família, da seleção e da nação consigo mesma.

Em suma, o filme *O milagre de Berna* é um bom exemplo do poder do futebol como “maneira privilegiada pela qual a nação ritualiza um acerto de contas consigo mesma – acerto cíclico, e sob certos aspectos ciclotímico, do qual as Copas do Mundo se tornaram, a cada quatro anos, a cena principal” (Wisnik, 2023, p. 182). Assim, a sociedade alemã encontrou, por meio das Copas do Mundo de futebol, um espaço excepcional e protegido para a “celebração do orgulho nacional, reprimido em outras situações e contextos” (Cornelsen, 2012b, p. 92), constituindo a multidão psicológica que Le Bon (2018, p. 32) descreve como “um ser provisório, composto de elementos heterogêneos por um instante amalgamados”. Essa multidão viria a se renovar a cada quadriênio, possibilitando a suspensão do característico receio alemão quanto à identificação com seus símbolos nacionais, em tendência que duraria até 2006, ano em que a Alemanha, unificada havia 16 anos, parece ter superado de vez a desconfiança em relação aos símbolos nacionais através do “orgulho nacional *light*, em que o ‘mar de bandeiras nas cores preta, vermelha e dourada’, presente nos estádios quando há jogo da seleção alemã, não significaria, necessariamente, a representação de uma ‘comunidade patriótica’” (Gerhards; Mutz, 2010, s/p apud Cornelsen, 2012b, p. 91)

A lendária partida de 1954, que teve seu status de mito formador reiterado pela obra de Sönke Wortmann, resgatou a consciência de pertencimento na Alemanha Ocidental, e foi responsável por revigorar, mesmo que por um breve momento, o



RELICI

orgulho nacional alemão. A euforia com a conquista se justifica quando refletimos sobre a capacidade aglutinadora da frustração prolongada que atingiu os alemães com a derrota na Guerra e suas consequências, configurando um sofrimento conjunto na comunidade que, nas palavras de Hilário Franco Jr. (2017, p. 143), “aproxima seus membros, reforça a comunhão grupal”. Nesse sentido, podemos ver o povo alemão no contexto de 1954 como um grupo social sem “horizontes culturais efetivos”, habitando uma nação fragilizada que viu no futebol um elemento central que “forjou-lhes uma nova identidade, deu-lhes um lazer, forneceu-lhes expectativas de vida. Em outras palavras, passou a ser indispensável, criou uma dependência ocupacional e sentimental” (Franco Jr., 2017, p. 363).

Nessa perspectiva, o ludopédio demonstra sua força de coesão social ao contribuir para a formação identitária, promovendo emoções coletivas responsáveis pela consolidação de um forte vínculo entre os indivíduos. Isso possibilitou o surgimento de uma nova identidade nacional que se divorciava do antigo modelo que desmoronou junto do III Reich, na qual os alemães poderiam se imaginar como uma nação redimida, renovada, e inserida numa nova ordem europeia e global ao mesmo tempo em que, de maneira crítica e aberta, aprendia a lidar com seu complexo fardo histórico. Embora o Milagre de Berna tenha inaugurado inspirado uma tímida relação com o nacionalismo, a reinvenção da comunidade imaginada alemã reinicia com a queda do Muro de Berlim, em 1989, inaugurando o processo de reunificação das duas Alemanhas. Nesse contexto, a conquista da Copa do Mundo de 1990 pela Alemanha Ocidental desempenhou um papel considerável, sendo um triunfo simultaneamente celebrado por ocidentais e orientais, que conheceriam a consolidação da sua reunificação dali a alguns poucos meses, inaugurando uma nova maneira de lidar com o nacionalismo, inspirada pelo fim da Guerra Fria e da superação dos traumas com o passado, num processo que, como já mencionado, seria ratificado na Copa do Mundo de 2006, cuja anfitriã foi a própria Alemanha (Cornelsen, 2012b, p. 98-99).



RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema de Wortmann se preocupa em dialogar com a identidade imaginada de uma Alemanha moderna, unificada e redimida. O seu *Milagre de Berna* viria para consolidar a ideia da “bem-sucedida vontade para o sacrifício dos alemães”, moldando uma “(...) imagem do futebol alemão [que] não tinha nenhuma pré-história que conduzisse à Copa de 1954 (...)” (Gumbrecht, 2006, s/p.) e assim contribuindo para uma *comunidade imaginada* renovada, revigorada através do futebol com a conquista de 1954 e reiterada por meio do longa-metragem de 2003 pois, como com primor define José Miguel Wisnik (2023, p. 45),

(...) O futebol é o campo de jogo onde se enfrenta o *vazio da vida*, isto é, a necessidade premente de procurar-lhe o sentido. *Procurar*, aqui, na acepção ativa que inclui também *encontrar*, *emprestar* e *inventar* sentido – ali onde ele falta como dado, mas sobra como disposição a fazê-lo acontecer. (grifos do autor)

Sob tal perspectiva, a nação alemã encontra no revigoramento da sua autoestima, proporcionado pela vitória na Suíça, o sentido que lhe faltava para o empenho que levou à consolidação do processo de reconstrução do país, e que eternizaria a partida como um Milagre que reverberaria nas mais diversas instâncias da sociedade e forneceria a possibilidade de que aquela comunidade *se imaginasse* diferente, fornecendo subsídios que impulsionaram o ânimo dos alemães rumo a um futuro próspero e revitalizado. A romantização metafórica e pedagógica de Sönke Wortmann veio para reafirmar e solidificar essa narrativa.

Neste trabalho, além de sublinhar a influência que um esporte de massas como o futebol desempenha numa sociedade de horizontes culturais escassos como a Alemanha Ocidental de 1954 – que passava por um penoso processo de reconstrução material, após ter sido destruída havia uma década, ao mesmo tempo que tentava lidar com o trauma e com a culpa por terem originado o nazismo e o Holocausto –, ressaltamos o caráter simbólico que uma vitória como a do episódio do “Milagre de Berna” na final da Copa do Mundo de 1954 trouxe consigo, tendo sido uma das grandes responsáveis pela revitalização da autoestima de uma nação abalada, que buscava sua reconstrução.



RELÍQUIA

A árdua vitória por 3x2 sobre a Seleção Húngara reenergizou ânimo nos alemães, gerando uma brecha para que a comunidade alemã *se imaginasse* de uma forma diferente, revigorada. Era uma tentativa de se desvencilhar do velho nacionalismo enquanto buscava a redenção como uma nação repaginada. A inspiração no futebol desempenhou um papel central na reinvenção da Alemanha Ocidental como nação, assimilando atributos como a vontade para o sacrifício, resiliência e o pragmatismo. Dessa forma, assim como o “futebol inventa a Europa” (Vaz, 2018), podemos afirmar que ele também foi fundamental na (re)invenção de uma República Federal da Alemanha que buscava sua reconstrução moral e material.

O cinema, como acontece no filme *O milagre de Berna* (2003), desempenha o papel de consolidar a ideia da reconstrução alemã que se ampara na final de 1954 como mola propulsora para o início do milagre econômico, esteio da restauração do país. A obra trata o futebol como uma poderosa metáfora pedagógica, que aborda tensões nas esferas da família, da nação e da seleção de futebol, demonstrando a tessitura conflituosa da Alemanha Ocidental de então. Contudo, através da conciliação e da cordialidade dos personagens, o escrete alemão chega ao título em Berna, concebendo a redenção a uma nação que, enfim, pôde se imaginar de maneira diferente, reinventando seus símbolos e superando seus traumas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: Estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Tradução: Júlia Mainardi.

CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmann**: uma lenda do futebol no século XX. Tradução de Daniel Martinsechen e Alexandre Fernandez Vaz. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Imagem e Memória em torno de Futebol e Política no Cinema. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-



RELICI

SILVA, Márcio (org.). **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012a. p. 429-442.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. SENTIMENTO E POLÍTICA NO FUTEBOL ALEMÃO: CONSTRUÇÕES POLÍTICAS DA “NAÇÃO” EM 1990 E 2006. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 57, n. 2, p. 73-99, 31 dez. 2012b. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/his.v57i2.30573>.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2010. p. 32.

FRANCO JR., Hilário. **A Dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO JR., Hilário. **Dando Tratos à Bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Comunidades imaginadas”. **Folha de S.Paulo, Caderno Mais!** São Paulo, 4 jun. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0406200607.htm>. Acesso em: 30 mai. 2025.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 546 p. ISBN 852190181X.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: 1914-1991. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

HOBSBAWM, Eric. Futebol hoje sintetiza a globalização. [Entrevista a] Sylvia Colombo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>. Acesso em: 30 mai. 2025.

HOBSBAWM, Eric. **A questão do nacionalismo**: nações e nacionalismo desde 1780. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 171.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018 219 p.



RELICI

165

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. O olhar da infância em narrativas pós-ditatoriais na América Latina. In: REIS, Livia (org.). Anais da JALLA BRASIL 2010 – IX. Jornadas Andinas de Literatura Latino-americana. Niterói-RJ, 2010, p. 1901.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Desafinando a metáfora da nação. **Esporte e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 18, n. 6, p. 1-11, 18 set. 2011.

VAZ, A. F. Uma Europa inventada pelo futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1395–1406, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.75919. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/75919>. Acesso em: 30 maio. 2025.

WISNIK, Jose Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FILMES

O MILAGRE DE BERNA. Direção de Sönke Wortmann, Alemanha, 2003 (114 min.).